

# Morfossintaxe do período simples: uma nova metodologia de ensino

## *Simple period morphosyntax: a new teaching methodology*

### **Suelen Sales da Silva**

Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* Nilópolis  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2758-8508>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2543310989445957>  
E-mail: [suelen.silva@ifrj.edu.br](mailto:suelen.silva@ifrj.edu.br)

### **Erica Souza de Almeida**

Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus* Rio de Janeiro  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5585-5992>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7355291747232496>  
E-mail: [erica.almeida@ifrj.edu.br](mailto:erica.almeida@ifrj.edu.br)

### **Resumo**

O tratamento dado à gramática, mais especificamente à Morfossintaxe, na escola tem sido alvo de preocupação não só de linguistas, mas também de professores de Língua Portuguesa. Desde as séries finais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, grande parte de nossos alunos são submetidos a aulas densas sobre Sintaxe que produzem mínimo ou nenhum efeito no entendimento da estrutura da língua. No presente artigo, busca-se mostrar, a partir do estudo dos sintagmas, como se podem trabalhar as funções que os constituintes possuem no escopo da oração. Defende-se que, para fins didáticos, as funções sintáticas desses termos podem ser apresentadas em dois grupos. O primeiro estaria no nível oracional, em cujas “partes” vão se unindo, em torno de predicador, para formar a oração. O segundo estaria no nível suboracional, pois engloba funções que podem aparecer na estrutura interna dos termos, permanecendo em um nível hierárquico inferior ao dos sintagmas maiores que os contêm. Pretende-se mostrar, ainda, que essas combinações acarretam implicações diretas sobre a questão da concordância, da regência e da pontuação. Para maior aplicabilidade no ensino, serão apresentadas algumas propostas de atividades mais atraentes e dinâmicas que auxiliem os alunos a melhorar seu desempenho linguístico e desenvolver sua competência comunicativa, produzindo textos coesos, coerentes e que respeitem a norma culta.  
Palavras-chave: Morfossintaxe. Sintagmas. Funções sintáticas. Propostas de atividades.

### **Abstract**

*The treatment applied to grammar at school, more specifically to Morphosyntax, has been a target of concern not only for linguists, but also for Portuguese language teachers. From the final years of elementary school to the end of high school, most of our students are submitted to intricate syntax classes that produce minimal or no effect on understanding the language structure. The aim of this article is to demonstrate through the study of phrases how to deal with the functions that the constituents display in the scope of the sentence. It is argued that, for didactic purposes, the syntactic functions of these terms can be presented in two groups. The first one would be at the sentential level, in which elements are uniting around the predicator to form the sentences. The second one would be at the subsentential level, since it encompasses functions that can appear in the internal structure of the terms, remaining at a lower hierarchical level than that of the larger phrases that contain those terms. It is also intended to present that those combinations have direct implications on the question of agreement, use of preposition regency and punctuation. For greater applicability in teaching, some proposals for more attractive and dynamic activities are going to be presented in order to help students to improve their linguistic performance and develop their communicative competence, so that they produce cohesive, coherent texts that respect the standard language.*

*Keywords: Morphosyntax. Phrases. Syntactic functions. Proposals for activities.*

Data de submissão: 29/04/2020 | Data de aprovação: 18/08/2020

## 1 Introdução

O ensino de Língua Portuguesa tem sido foco de muitas discussões no sentido de se estabelecerem novas bases teóricas e práticas. Nota-se que metodologias tradicionais – especialmente encontradas em livros didáticos – têm se mostrado ineficientes no que tange, por exemplo, à principal função do ensino de gramática. As aulas, muitas vezes, se limitam à mera rotulação de palavras quanto à sua classe e função. No entanto, deve-se atentar para o fato de que ensinar eficientemente a gramática significa, principalmente, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem.

Dentre os campos de estudo da gramática de uma língua, há dois que são fundamentais para a sua estruturação: a Morfologia e a Sintaxe. O primeiro trata da estrutura, formação e classificação de palavras; o segundo, por sua vez, estuda a organização das palavras e a relação entre elas em unidades maiores, os chamados sintagmas. Dessa forma, torna-se importante o ensino da Morfossintaxe, que estuda os sintagmas (suas funções) e seus elementos constitutivos (suas classes). Considera-se, portanto, sempre a relação entre os sintagmas, ou seja, as funções dentro de um contexto.

O presente artigo tem como objetivo apresentar como principais conceitos relacionados à Morfossintaxe do Português podem ser ensinados para alunos do Ensino Básico, de modo a capacitar os alunos a produzirem textos muito bem elaborados, com coesão, coerência e respeitando a norma culta. Além disso, seu bom entendimento possibilita melhor análise de leitura, e, conseqüentemente, melhor compreensão de textos. As aulas – ministradas para alunos do Ensino Médio-Técnico do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – foram compostas pela apresentação das funções sintáticas do período simples a partir do ensino de sintagmas. Buscaram-se, ainda, oferecer atividades práticas que enfatizassem as noções de regência, de concordância e de ordem dos elementos constitutivos da língua.

## 2 A importância do ensino de Gramática

Desde a década de 80 e mais frequentemente a partir do início dos anos 2000, muito se tem questionado sobre “que gramática ensinar na escola” (PERINI, 1985, 2000), “qual metodologia utilizar”, principalmente diante de novas tecnologias à disposição do falante. Há muito tempo já se sabe que o ensino da gramática normativa representa muito pouco para grande parte dos alunos brasileiros: primeiro, pela grande dificuldade em lidar com uma norma distante do uso, daquilo que é normal, habitual a esse falante; depois, porque grande parte das aulas de língua portuguesa acentua ainda mais essa dificuldade, ao trazerem uma “lista” do que deve ou não ser feito, promovendo a “anulação” daqueles que não dominam as estruturas-padrão. Assim, pela concepção de que pouco irá conseguir depreender do que é ensinado, o aluno dispensa mínima atenção à matéria, que rotula ser “difícil” e “inacessível” ao indivíduo comum. Conseqüentemente, muitos alunos concluem o Ensino Básico sem possuírem o domínio da leitura e da escrita, considerada “modular”,

padrão. Diante desse cenário, o docente de língua portuguesa tem um desafio muito grande, porque deve garantir ou buscar eficácia a partir do que ensina e de como faz isso.

É consensual, também, que saber gramática não garante ter o domínio da fala, da leitura e da escrita. Na verdade, é importante frisar que cabe à escola, mais especificamente às aulas de português, oferecer condições ao aluno de saber usar a língua para adequá-la às diferentes situações de comunicação. Para tanto, entende-se que o ensino de gramática deva ser reflexivo, contextualizado, mesmo em uma aula mais “estrutural”, de morfossintaxe. Muitas vezes, a ausência de relação entre a teoria gramatical e a prática é o ponto chave para o insucesso e o conseqüente desinteresse dos alunos. No que diz respeito à sintaxe, ter o conhecimento sobre os sintagmas e saber que certas estruturas têm a possibilidade de deslocamento, que levam ao uso da pontuação, torna-se bastante útil para a produção de textos. Defende-se, com isso, que é possível fornecer, a partir das aulas de sintaxe, orientação válida aos alunos, sobretudo para a produção de textos.

Sobre o estudo de sintaxe, mais especificamente do período simples, Duarte (2007), em *Termos da Oração*, destaca que uma das dificuldades geradas no ensino de gramática é a classificação dos chamados “Termos da Oração”, divididos em *essenciais*, *integrantes* e *acessórios*. A autora analisa as incongruências no ensino de sintaxe ao, por exemplo, considerar o predicado como termo essencial e os complementos – elementos que compõem esse predicado – como pertencentes ao grupo dos integrantes. Em síntese, no texto de Duarte (2007), defende-se que a divisão dos termos da oração não agrega no entendimento das relações gramaticais de uma oração, além de apresentar “equivocos” conceituais na classificação de sujeito e de predicado. Parte-se do elemento central, que é o predador, e observam-se os elementos que com ele se articula.

Defende-se, no presente artigo, assim como na análise de Duarte (2007), que, no estudo de sintaxe, se deve considerar a hierarquia dos elementos na composição oracional. Além disso, acredita-se que o ensino dos termos – e suas conseqüentes funções sintáticas – pode partir daqueles atrelados ao predador da oração (nível oracional) para, logo após, serem estudadas os elementos constituintes e as funções relacionadas à estrutura interna desses termos (nível suboracional), conforme veremos nas seções subsequentes.

### **3 A Morfossintaxe do período simples**

#### **3.1 Análise gerativa dos sintagmas**

As aulas de Sintaxe tratam, em geral, da identificação e do reconhecimento dos constituintes sintáticos – sujeito, predicado, complementos verbais – quando se considera o período simples. No entanto, alguns gerativistas<sup>1</sup>, como Miotto (2007), apresentam uma proposta de análise sintática que poderia contribuir para tratar desse campo da gramática em uma sala de aula. Nesse contexto, torna-se fundamental ter como ponto de partida um

---

<sup>1</sup> Linguistas que apresentam uma proposta de descrição estrutural à sentença.

trabalho “anterior”, de como as palavras ou os vocábulos se organizam em “blocos” chamados “sintagmas”, para que se possam analisar, *a posteriori*, as orações em si. Em outras palavras, é a partir das relações que se verificam nessas unidades/núcleos menores que se consegue ir montando o “quebra cabeça” das relações intraoracionais, podendo ir além desse escopo. Em linhas gerais, é como se pudesse atribuir à oração o “rótulo” de “caixas-encaixe”, em que se podem organizar “partes”, a fim de ter como resultado uma estrutura que se “adapta” aos padrões de nossa língua. Assim, as partes, ou “caixas/sintagmas”, vão se organizando em torno de um núcleo. Essas estruturas, por sua vez, formam orações, períodos, parágrafos etc.

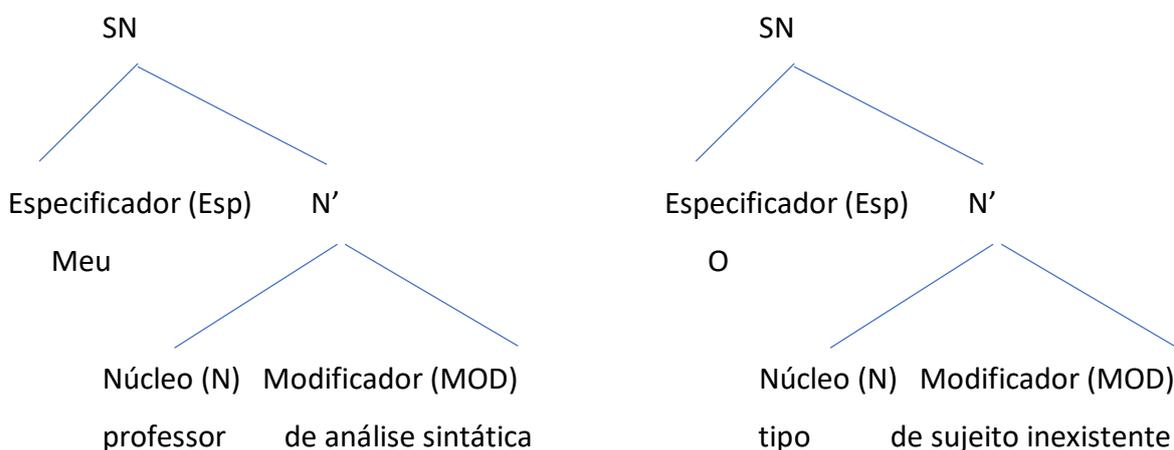
De fato, é necessário considerar que, nessa combinação de elementos, há hierarquia entre eles, a que, tradicionalmente, chamamos de “dependência”. Se é a partir de um núcleo que se organizam os sintagmas, pode-se dizer que existe um elemento ocupando uma posição central a que se relacionam outros adjacentes nessa mesma estrutura. A tradição gramatical concebe, por exemplo, que, nas relações de “comando” ou de “regência”, há os elementos que “regem” e aqueles que “são regidos”, o que tipifica essa relação “núcleo-borda” mencionada anteriormente. Observem-se algumas estruturas no texto de Leminski (2013), intitulado *O assassino era o escriba*:

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.  
Um pleonasma, o principal predicado da sua vida,  
regular como um paradigma da 1ª conjugação.  
Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,  
ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito  
assindético de nos torturar com um aposto. Casou com uma regência.  
Foi infeliz.  
Era possessivo como um pronome.  
E ela era bitransitiva.  
Tentou ir para os EUA.  
Não deu.  
Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.  
A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,  
conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.  
Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

No sintagma oracional “Meu professor de análise sintática era o tipo de sujeito inexistente”, têm-se os sintagmas nominais [meu professor de análise sintática] e [o tipo de sujeito inexistente], que se organizam em torno do núcleo oracional, que é o verbo/predicador “ser” (era). Cumpre observar que cada uma dessas unidades menores apresenta um núcleo nominal [professor] e [tipo] a partir do qual se organizam as “bordas” ou os elementos adjacentes [meu] e [de análise sintática], para o primeiro sintagma; e [o] e [de sujeito inexistente], para o segundo sintagma nominal. A representação da estrutura desses dois sintagmas evidencia as relações de *comando* e de *ordem*, mencionadas anteriormente, uma vez que essa disposição na estrutura obedece ao padrão estrutural do português. Por exemplo, antes dos nomes, observam-se artigos, pronomes, os chamados “determinantes” na nomenclatura gerativista; depois dos nomes, verificam-se os adjetivos ou locuções

adjetivas, os “modificadores” pela sintaxe especializada. No que diz respeito à ordem dos constituintes, os determinantes não podem ocupar a posição à direita de um núcleo, espaço restrito aos modificadores. Estes últimos, por sua vez, podem estar à direita ou à esquerda do núcleo a depender do tipo.

Vejam-se:



Como se viu, nos sintagmas, a posição do núcleo não é aleatória, mas obedece a uma “ordem”, a um padrão de combinação. Além das questões referentes ao comando que se estabelece em torno de um núcleo e da ordem dos constituintes, não se pode deixar de considerar que esses elementos adjacentes concordam em gênero e número com o elemento central. O núcleo [professor] está no masculino, singular e os elementos adjacentes concordam com esse elemento central. É fundamental ter consciência de que, em um sintagma, são possíveis de se observar relações que se processam em níveis menores e que se reproduzem em outros níveis, a saber, o nível da oração e do período, se levarmos em consideração o componente frasal.

Ao analisarmos os sintagmas de uma oração, nota-se que estão sendo obedecidas a regência, a concordância e a ordem dos constituintes. Dessa forma, o ensino da Morfossintaxe, a partir da análise de sintagmas, torna-se primordial para o entendimento e a construção das estruturas sintáticas, indo além da metodologia tradicional de memorização de regras gramaticais. Podem-se, ainda, reconhecer as funções sintáticas do período simples de modo a compreender as normas de uso da língua padrão do português.

### 3.2 Funções dos sintagmas nos níveis oracional e suboracional

Conforme vimos anteriormente, costuma-se fazer distribuição dos chamados “Termos da Oração” em três grupos: essenciais, integrantes e acessórios. No entanto, segundo Duarte (2007), essa forma de distribuir os termos da oração não contribui para o entendimento das relações gramaticais que se estabelecem entre eles. Como já foi dito, a

autora ressalta a necessidade de refletir sobre esses termos levando em conta os níveis da hierarquia sintática, do mais amplo para o mais restrito, observando como esses elementos se organizam e se articulam.

Partindo desse princípio, podem-se apresentar, para fins didáticos, as funções sintáticas desses termos em dois grupos. O primeiro estaria no nível oracional, uma vez que corresponde às funções atreladas aos sintagmas das *estruturas argumentais* da oração. O segundo estaria no nível suboracional, pois engloba funções que podem aparecer na *estrutura interna dos termos* e não devem ser separados em um primeiro recorte da estrutura sentencial. Na verdade, devem permanecer em um nível hierárquico inferior ao dos sintagmas maiores que os contêm. O quadro abaixo explicita essa divisão:

**Quadro 1** – Distribuição dos elementos sintáticos a partir do nível oracional e suboracional

<b>FUNÇÕES DO NÍVEL ORACIONAL</b>	<b>FUNÇÕES DO NÍVEL SUBORACIONAL</b>
Sujeito (S) Objeto direto (OD) Objeto indireto (OI) Predicativo do sujeito (PS) Predicativo do objeto (PO) Agente da passiva (APS) Adjunto adverbial (X)	Adjunto adnominal (AA) Complemento nominal (CN) Aposto (APT)

Fonte: Duarte (2007)

Acredita-se que, em uma aula de Morfossintaxe, torna-se importante compreender e relacionar a forma e a função dos sintagmas. O sintagma nominal, por exemplo, é uma estrutura que pode ocupar variadas funções na oração. Vejamos, ainda, a análise do texto *O assassino era o escriba*:

<b>1º PERÍODO</b>			
Nível oracional	[Meu professor de análise sintática] SN	era [núcleo SO]	[o tipo do sujeito inexistente] SN
Função (GT) <sup>2</sup>	Sujeito	Verbo copulativo <sup>3</sup>	Predicativo do sujeito
Nível suboracional <sup>4</sup>	[Um pleonasma] SN	[o principal predicado da sua vida] SN	[regular como um paradigma da 1ª conjugação] SN
Função (GT)	Aposto	Aposto	Aposto

<sup>2</sup> Em [GT], leia-se Gramática Tradicional.

<sup>3</sup> Tradicionalmente chamados de verbo de ligação.

<sup>4</sup> Nível suboracional: elementos que não são selecionados pelo predador e que fazem parte da estrutura interna dos sintagmas.

2º PERÍODO				
Nível oracional	[Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial] S Prep	[ele] SN	não tinha [núcleo do SO]	[dúvidas] SN
Função (GT)	Adjunto Adverbial	Sujeito	Núcleo do Predicado	Objeto direto

2º PERÍODO			
Nível oracional	Sempre	achava [núcleo do SO]	[um jeito assindético de nos torturar com um aposto] SN
Função (GT)	Adjunto adverbial	Núcleo do Predicado	Objeto direto

3º PERÍODO		
Nível oracional	Casou [núcleo do SO]	com uma regência [S prep]
Função (GT)	Núcleo do Predicado	Complemento Circunstancial <sup>5</sup>

4º PERÍODO		
Nível oracional	Foi [núcleo do SO]	Infeliz [SN]
Função (GT)	Núcleo do Predicado	Predicativo do sujeito

5º PERÍODO			
Nível oracional	era [núcleo do SO]	Possessivo [SN]	como um pronome [SO]
Função (GT)	Núcleo do Predicativo	Predicativo do sujeito	Adjunto adverbial

6º PERÍODO			
Nível oracional	E ela	Era [núcleo do SO]	Bitransitiva [SN]
Função (GT)	Sujeito	Verbo copulativo	Predicativo do sujeito

7º PERÍODO		
Nível Oracional	Tentou ir [núcleo do SO]	para os EUA [S prep]
Função (GT)	Núcleo do Predicado	Complemento circunstancial

<sup>5</sup> Complemento circunstancial é uma nomenclatura usada por Rocha Lima (1992) para caracterizar um **complemento** de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais. Se o verbo for intransitivo, mas há necessidade de um termo preposicionado que complemente seu significado, este será conhecido como Complemento Circunstancial. Esse autor estabelece distinção entre adjuntos adverbiais e complementos circunstanciais, pois o adjunto adverbial é um complemento não exigido pelo verbo. Nos casos de complemento circunstancial, a ausência desse elemento prejudica a compreensão da frase.

8º PERÍODO		
Nível Oracional	Não [S adv]	deu [núcleo do SO]
Função	Adjunto adverbial	Núcleo do predicativo

9º PERÍODO			
Nível Oracional	Acharam [núcleo do SO]	um artigo indefinido [SN]	em sua bagagem [S prep]
Função (GT)	Núcleo do predicado	Objeto direto	Complemento Circunstancial

10º PERÍODO				
Nível Oracional	A interjeição do bigode [SN]	declinava [núcleo do SO]	partículas expletivas, conectivos e agentes da passiva [SNs]	o tempo todo [SN]
Função (GT)	Sujeito	Núcleo do predicado	Objeto direto	Adjunto adverbial

11º PERÍODO					
Nível Oracional	Um dia [SN]	Matei [núcleo do SO]	O [SN]	com o objeto direto [S prep.]	na cabeça [Sprep]
Função (GT)	Adjunto adverbial	Núcleo do predicado	Objeto direto	Adjunto adverbial	Adjunto adverbial

Podemos observar que os sintagmas podem conter um só núcleo significativo, ou podem aparecer combinados com determinantes e/ou modificadores/intensificadores. Essas unidades, ao assumirem inúmeros posicionamentos no interior das orações, vão desempenhar as diversas funções sintáticas. Nesse sentido, consideram-se os sintagmas como os verdadeiros constituintes da oração, visto que os enunciados são “processados” por meio dos sintagmas, de blocos significativos, que podem, inclusive, mudar de posição na estrutura sintagmática.

A análise do texto acima demonstra a importância da análise da FORMA atrelada à FUNÇÃO dos sintagmas, o que justifica a importância do ensino de Morfossintaxe do Português: a Morfologia é trabalhada ao reconhecermos os tipos de sintagmas (nominal, preposicional, adjetival, adverbial, verbal ou oracional) a partir das classes dos seus elementos constituintes; a Sintaxe, por sua vez, é analisada ao identificarmos as funções estabelecidas por esses sintagmas, sempre respeitando os padrões de *regência*, de *concordância* e de *ordem* dos termos em questão.

#### 4 Propostas de atividades: aplicabilidade ao Ensino

A partir da apresentação dos tipos de sintagmas e das funções por eles desempenhadas, é necessário que os alunos apliquem os conhecimentos morfossintáticos na análise e na construção de estruturas. Podem ser elaborados tanto exercícios contextualizados como atividades sem um objetivo interpretativo. Buscam-se trabalhar as noções de regência, de concordância e de colocação de termos, desde que sejam atividades que auxiliem na organização de sintagmas, que são elementos constituintes de um período e, por conseguinte, de um texto.

Serão apresentadas, a seguir, três propostas relacionadas ao ensino de funções sintáticas do nível oracional (ou seja, atreladas ao predicador da oração). Acredita-se que a criatividade do professor ao elaborar esses exercícios pode ser fundamental para que o ensino de Morfossintaxe se torne eficaz e atraente para o aluno.

##### ❖ ATIVIDADE 1:

Leia o texto a seguir:

Um homem sozinho, com uma jaqueta em uma das mãos e um embrulho na outra, com um ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras. Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês no oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido. Sobre a **montanha de cadáveres** com a qual o regime chinês reafirmou sua **tiranía** na semana passada, ao reprimir com **punho impiedoso** os estudantes reunidos *em nome da democracia* na Praça da Paz Celestial, esse cidadão anônimo fixou uma imagem poderosa. Durante seis minutos, na manhã da última segunda-feira, o homem de camisa branca brincou de dançar com a morte. Sozinho, em plena Avenida da Paz Eterna, ele enfrentou **uma coluna de tanques**.

A cena foi registrada pelas câmeras da televisão americana e estremeceu o mundo inteiro. De frente para o tanque que liderava a coluna, o cidadão desconhecido parou uma fileira de **23 mastodontes blindados**. Em seguida, subiu no primeiro tanque. Por que vocês estão aqui? Gritava. Sem resposta, desceu. E continuou na frente do **urutu chinês**. O Tanque tentou desviar para direita, o homem interrompeu a passagem. Voltou para o centro, lá estava ele de novo. O **balé letal** só terminou quando um grupo de pessoas avançou e tirou o toureiro de tanques do meio da avenida (...)

(“O desconhecido da camisa branca”, *Veja*, 14/06/1989)

- a) Identifique e classifique (determinantes, núcleo e modificadores) os constituintes dos sintagmas nominais (sublinhados e em negrito) destacados.
- b) Nota-se, pelos sintagmas destacados no texto, o modo como o autor se refere ao rapaz. Analise como esses sintagmas auxiliam na interpretação do texto. Leve em consideração a intencionalidade e o assunto em questão.

**Comentário sobre a Atividade 1:** A partir de um texto, propõe-se que o professor trabalhe a identificação de elementos nucleares e periféricos em diferentes tipos de sintagmas. O

objetivo é levar o aluno a notar (i) que os elementos nucleares – nomes (substantivos e adjetivos) organizam o sintagma, pois é a partir dessas estruturas que se observam concordância com determinantes e modificadores; (ii) que é possível ter um sintagma apenas com um único elemento ou com mais de um elemento; (iii) que existe uma ordem dos elementos na estrutura. Além disso, pode-se destacar a importância das escolhas lexicais nos sintagmas para o entendimento do texto.

❖ **ATIVIDADE 2:**

Elabore orações que atendam às estruturas a seguir. Atenção à pontuação:

Legenda  
 S- sujeito  
 V-verbo  
 OD- objeto direto  
 OI- objeto indireto  
 PS- predicativo do sujeito  
 X- adjunto Adverbial

- a) X S V OD OI  
 b) S V PS X  
 c) V X S  
 d) X S V OI  
 e) V OD X

**Comentário sobre a Atividade 2:** Pretende-se fazer com que o aluno se utilize de criatividade para, a partir da construção de sintagmas, se possa formar orações variadas. Aqui, ele poderá (i) perceber que certos sintagmas têm possibilidade de deslocamento e outros não; (ii) verificar que, a depender do deslocamento do sintagma em uma oração, deverá haver o uso da vírgula; (iii) compreender a importância do reconhecimento do sujeito (que pode, ocasionalmente, vir posposto) para fazer a concordância verbal. Ao propor arranjos, deverá reconhecer os possíveis e variados na expressão da língua.

❖ **ATIVIDADE 3**

Observe o quadro abaixo:

SUJEITO	VERBO	OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO ADVERBIAL
O repórter da Central Globo de Produção	Perguntaram	As provas de português e as notas de matemática que estavam perdidas	À atendente do consultório da Doutora Ana Maria Bacelar	Geralmente

Os funcionários públicos	Interessou	Um grande segredo	De comer pouco	Na viagem que fizemos a Minas Gerais
Aquelas crianças abandonadas	Gostam	A notícia	À grande maioria da população da Região Sudeste	Na manhã de sábado
A possibilidade de vitória	Encontrou	Sua amiga de infância	À escola que trabalhou	No ano passado
Eu e meu amigo	Contou	O momento de sua aposentadoria	De aparecer bem vestidas	Na última quarta-feira
A funcionária de uma empresa terceirizada	Paralisaram	Se a consulta costuma demorar	De homens bonitos e que acompanhem suas carreiras	Durante a campanha eleitoral
A pessoa a que me referi	Devoraram	O candidato da oposição	Ao Joaquim	Ontem
João e sua esposa	Partilhou	O bolo de chocolate com maracujá	De aproveitar a vida	Na noite em que descobriu a história
As mulheres que se tornam modelos	Preocupou	Seu chefe	Com o amigo da Revista Caras	Nos programas de TV
Uma aluna	Entrevistou	A vítima do assalto	Com seus familiares	No mês passado
A mudança recente dos governos estadual e federal	Conversamos	Os alimentos que chegaram	De encontrar seus grandes amigos e seus familiares	Durante uma semana

A partir do quadro, construa 10 frases de modo que não haja repetição dos sintagmas oferecidos. Atenção para os seguintes tópicos:

- ✓ Deve haver a concordância do sujeito com o verbo escolhido;
- ✓ Opte por complementos (se necessários) adequados à regência verbal.
- ✓ Utilize-se, em todas as frases, de um adjunto adverbial, deslocando-o de sua posição de origem (final).
- ✓ Não se esqueça de usar vírgulas no deslocamento do adjunto.

**Comentário sobre a Atividade 3:** Busca-se fazer com que o aluno entenda que a construção de períodos é um “jogo de encaixe”, no qual os sintagmas se relacionam a partir de um predador e que, independente de sua extensão, devem seguir os padrões de *regência*, de *concordância* e de *ordem* adequados. Pretende-se, também, sinalizar o fato de um sintagma pode estar em sua forma oracional (o que facilita a posterior apresentação das orações

subordinadas). Além disso, podem-se trabalhar as principais noções de pontuação, tais como a impossibilidade do uso de vírgulas entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento verbal; e a necessidade de vírgula quando há o deslocamento do adjunto adverbial da posição final da oração.

## 5 Considerações finais

Sabe-se que as aulas de Língua Portuguesa – principalmente às dedicadas a aspectos gramaticais – nem sempre são consideradas interessantes e úteis para os alunos. No entanto, é possível apresentar os conteúdos programáticos da disciplina de modo a capacitá-los, a partir do entendimento do funcionamento da língua, a compreender e a produzir textos que atendam às normas prescritas pela gramática tradicional.

Nesse artigo, buscou-se propor reflexões sobre uma possibilidade de metodologia de ensino da Morfossintaxe do período simples, na qual os termos da oração são demonstrados a partir da apresentação das estruturas sintagmáticas da língua. Optou-se, ainda, pela divulgação de atividades baseadas nessa forma de ensino, com o objetivo de estimular professores a elaborar exercícios que fujam ao método tradicional de mera classificação de termos.

Pretende-se, em trabalhos futuros, promover novas reflexões sobre outros conteúdos gramaticais, a fim de que se entenda que o ensino de gramática pode, de maneira dinâmica e atraente, auxiliar os alunos na análise e produção de textos.

## Referências

- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Arménio Amado, 1965. (Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo, 1978).
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. revista. R. de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUARTE, Maria Eugênia. Termos da Oração. In: VIEIRA S.R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.) **Ensino de Gramática**. Descrição e uso. São Paulo. Editora Contexto, 2007. pp. 186-204.
- DUARTE, Inês. Relações Gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M.H.M (Org.) **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 5. ed, 2003. p. 277-321
- KREUTZ, Roque Amadeu. **Sintaxe da frase: teoria da subordinação**. Santa Maria: UFSM, 1995.
- KOCK, Ingedore; SILVA, Cecília. **Linguística Aplicada ao Português: sintaxe**. São Paulo, Cortez, 1998.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

LEMLE, Mírian. **Análise sintática**. São Paulo: Ática, 1989.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

MIOTO, Carlos *et alii*. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2007.

PERINI, Mário A. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 1985.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 2002. p. 32-38.

#### Como citar

SALES, Suelen; ALMEIDA, Erica S. Morfossintaxe do período simples: uma nova metodologia de ensino. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 209-221, jul./dez. 2020.

